

DROGAS E EDUCAÇÃO SUBSÍDIOS PARA UMA BOA DISCUSSÃO

TEREZA MARIA DA SILVA FERREIRA

Pedagogia-UVA, Especialista em Gestão Escolar-UECE e Mestranda do programa de pós-graduação em Educação Brasileira e bolsista CAPES da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED/UFC). E-mail: terezamaria@fvj.br

LUCAS MELGAÇO DA SILVA

Graduando em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, bolsista de monitoria de projetos de graduação nessa mesma instituição. Atualmente participa do projeto: Comemoração dos 50 Anos do Curso de Pedagogia da UFC: História e Memória da FACED. E-mail: lucasmelgaco@alu.ufc.br

Introdução

Apesar do uso de substâncias psicoativas serem um fenômeno que acompanha o homem desde a antiguidade, elas vem sofrendo diversas transformações dentro do tempo, espaço e mais especificamente da cultura, o uso de substâncias que modificam o estado de consciência do indivíduo e as características desse uso. No decorrer do tempo, as substâncias psicoativas passaram de exóticas e fascinantes, como era tida na antiguidade, para o caráter de política proibicionista e uma grande rede do narcotráfico, como mercadoria ilícita com quadros de abuso e dependência química, o que constitui hoje, problema mundial, fazendo do crack um problema sociocultural complexo, ultrapassando os meros aspectos legais, jurídicos, de saúde e locais, sendo um problema característico da sociedade contemporânea (SANCHEZ, 2002).

Este artigo tem como objetivo analisar por meio dos relatos da história de vida do dependente de crack biografado, de que forma este fenômeno está relacionado às diferentes práticas educativas e expressões de questões culturais da atualidade para uma melhor compreensão deste tipo de problemática na atualidade.

É interessante conhecermos algumas implicações históricas e socioculturais que envolvem esse uso. Procuramos, sobretudo, responder as seguintes perguntas: que contextos socioculturais fa-

vorecem o uso de drogas psicoativas na contemporaneidade? Que situações estão relacionados esse uso? Que práticas culturais são vivenciadas?

Nesse contexto, utilizamos como procedimento metodológico a pesquisa de campo. Com isso, optamos pelo diário de campo e tendo como subsídio fundamental as entrevistas informal ou espontânea como conversa entre o pesquisador e o sujeito, de forma a definir os melhores registros da memória do indivíduo biografado, Da Matta (1987).

Em um primeiro momento trataremos de questões relativas às definições e classificações das drogas segundo sua forma, efeitos e tipos. Em seguida teremos como foco para esse estudo algumas explicações históricas sobre o percurso as drogas na sociedade.

Em uma segunda fase apresentamos algumas características ligadas ao consumismo e ao hedonismo, citando suas práticas ligadas aos diferentes modos, maneiras e estilos de uso destas substâncias também na atualidade.

Em uma terceira fase desse artigo, mostramos a entrevista com o sujeito biografado Bim Guerra, com embasamento na questão relacionada a seu percurso biográfico, acerca de sua história de vida.

E por fim, levantaremos algumas implicações socioculturais que envolvem a cultura do uso, abuso e dependência de substâncias psicoativas na contemporaneidade, o caminhar metodológico utilizado na pesquisa.

A biografia nos dá a oportunidade de “olhar o outro” sobre a trajetória de um ser traçando seus percursos através de sua identidade refletida em palavras, sentimentos e ações, podendo, inclusive, apresentar véis em diversas áreas como saúde e educação que envolvem o ser humano. O momento histórico configura-se temas tão discutidos pela sociedade, como é o caso de usuários de drogas e mais especificamente do crack.

O Que Você Entende por Droga?

O uso de substâncias que alteram o estado de consciência é um fenômeno que acompanha o homem desde a antiguidade, para finalidades de natureza curativa, religiosa e lúdica, transformando-se dentro do tempo e da cultura as várias formas de seu uso. Esse tema, queira ou não, suscita uma discussão sobre o que realmente entendemos por droga e mais especificamente essa tão avassaladora e assustadora droga chamada crack, no que diz respeito aos *mitos e verdades* sobre ela.

Se saíssemos por aí perguntando “o que você entende por droga?”, a grande maioria das pessoas responderia a partir de exemplos e não de conceitos ou critérios. Somos ensinados seja na família ou na escola que as drogas matam, criam marginais e que seu uso é proibido. Somos alertados sobre as consequências negativas desse uso, que sua comercialização é crime. Esses termos estão sempre ligados à maconha, lança-perfume, à cocaína, à heroína e ao crack. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define as drogas como substâncias “que afetam a mente e os processos mentais”, ou seja, droga é tudo que mexe com o cérebro. Por tanto, incluindo nesse meio o tabaco e o álcool.

Apresentado a problemática que envolve os questionamentos citados, é fundamental que inicialmente, seja apresentado uma concepção sobre as drogas que ajude o leitor a pensar um pouco mais sobre o assunto partindo de diferentes focos. Com essa finalidade, apresentam-se as principais considerações sobre drogas, a partir do aparato realizado pelo jornalista Tarso Araújo, que como ele mesmo se intitula em seu livro “Almanaque das drogas” (2012), ser um viciado no debate sobre drogas. Na busca de resposta a nossa pergunta inicial “o que você entende por droga?” ele explica:

A definição mais ampla, fornecida por farmacologistas, considera droga “qualquer substância capaz de alterar o funcionamento normal de qualquer organismo”. É a interpretação mais semelhante à dos gregos antigos, que usavam a pala-

vra *phármakon* tanto para remédio como para veneno. Eles entendiam que nenhuma substância é boa ou má em si. O uso que se faz dela é que ditará suas consequências. Essa interpretação considera que a maconha e cocaína são drogas, da mesma forma que a Aspirina e até o chá de camomila que você bebe para dormir melhor (ARAÚJO, 2012. p.14).

Já para algumas pessoas que não nomeiam como drogas os remédios, consideram que droga seja “qualquer substância que proporciona a sensação de barato”, onde tecnicamente essa definição equivale a um grupo a parte de drogas que são chamadas de substâncias psicotrópicas ou psicoativas. Esse é o significado assumido no contexto internacional de controle de drogas, em que o álcool, tabaco e a cafeína não são mencionados nesse meio, por se tratar de drogas lícitas. Mas, é importante conhecermos inicialmente melhor alguns termos, classificações e seus possíveis significados. Araújo (2012), em seu livro, considera “droga” enquanto sinônimo de substância psicoativa capaz de alterar o comportamento e/ou percepção independente de sua condição legal. Quanto sua classificação, o autor trata segundo sua forma em drogas naturais, sintéticas e semissintéticas, quanto os seus efeitos em estimulantes, depressoras e perturbadoras.

No período da Antiguidade todas as drogas eram consideradas naturais, como no caso do cogumelo alucinógeno *Amanita muscaria* e das flores e folhas do topo da planta fêmea de *Cannabis sativa*. No século XIX, com o desenvolvimento da química moderna foi possível extrair e purificar as moléculas dos produtos naturais responsáveis por seus efeitos psicoativos, como é o caso da morfina, do ópio e da cocaína. No caso das drogas sintéticas, embora feitas totalmente em laboratório, possuem efeitos semelhantes com as substâncias produzidas em nosso corpo. Temos como exemplo desse efeito de semelhança, a da molécula de anfetamina, semelhante ao efeito da dopamina que funciona como um importante mensageiro para os neurônios, tendo como diferença apenas dois

átomos de oxigênio a menos em sua estrutura molecular. As drogas sintéticas, além de imitarem as naturais, também possibilitam meios de fabricação mais barato. Araújo (2012) sobre as drogas sintéticas, diz o seguinte:

Essa classificação leva em conta o método de fabricação, ela pode variar se a substância tiver mais de uma maneira de ser preparada, a cocaína, por exemplo, pode ser feita sinteticamente – apesar de o processo ser caríssimo. O álcool (etanol) também pode ser laboratório. Só que, além de ser mais barato, o processo de fermentação de açúcares por leveduras rende subprodutos que fazem toda a diferença entre um a cerveja e um saquê, por exemplo, (pag. 16).

Temos ainda as chamadas drogas semissintéticas, tida como uma terceira classificação, intermediária, para as drogas produzidas em laboratório a partir da modificação de uma molécula obtida naturalmente, como é o caso do LSD, sintetizada pela primeira vez em 1983 por Albert Hoffman, que na verdade adicionou “coisas diferentes” ao princípio psicoativo do *cogumelo ergot*, conhecido por seu fortíssimo efeito alucinógeno. Como também, é o caso da heroína, produzida através da modificação de uma molécula natural da morfina.

No que diz aos efeitos, as drogas podem ser classificadas em relação a sua ação na percepção e no comportamento ocasionado sobre o sistema nervoso central – SNC em: estimulantes¹, depressoras²

¹ As estimulantes são as que aceleram o seu funcionamento. Os efeitos mais comuns são a diminuição do sono e do apetite e o aumento do estado de alerta, da pressão sanguínea e da ansiedade. Algumas chegam a aumentar a temperatura corporal ou têm efeitos específicos, como deixar as pessoas mais falantes – caso da cocaína. Anfetaminas, nicotina e cafeína são outros exemplos de drogas desse tipo (ARAÚJO, 2012).

² As depressoras, como o nome sugere, reduzem a atividade cerebral e deixam, em geral, as pessoas sonolentas. Algumas dessas substâncias também têm efeito analgésico, porque diminuem mais intensamente o trabalho de neurônios envolvidos com o processamento da dor. Álcool, benzodiazepínicos, barbitúricos, substâncias inalantes e todas as drogas opioides são depressoras. Um detalhe importante: depressor não é a mesma coisa que depressivo, isto é, aquilo que causa o (ARAÚJO, 2012).

e perturbadoras³. Lembramos que dentre os vários efeitos que cada droga provoca, podem acontecer diferenças relativas a essa forma de classificação, tornando-as no decorrer histórico, em reações diferenciadas, dependendo do uso que se faz dela, variando esse uso entre recreativo, medicinal e religioso.

Drogas: Práticas Educativas e Culturais na Atualidade

As drogas sempre estiveram associadas à cultura. Seu uso não ocorre de maneira involuntária nem tão pouco isolada. Percebe-se isso através das características arraigadas historicamente no seio da sociedade e disseminadas por meio de grupos e classes culturais e sociais onde o indivíduo está inserido. Algumas destas características estão ligadas ao consumismo e ao hedonismo. Ainda, podemos citar também suas práticas, estando estas estritamente ligadas aos diferentes modos, maneiras e estilos de uso destas substâncias também na atualidade. Neste tópico, exemplificaremos alguns destes aspectos culturalmente associado as drogas.

Consumismo: Quando falamos em consumismo, de certa forma estamos nos referindo as facilidades e incentivos que a sociedade a cada dia vem tendo para adquirir aquilo que é passado pela mídia e aquilo que, de certa forma, virou moda.

A disseminação do “Coma!”, “Beba!”, “Use!”, “Abuse!”, “Veja!”, “Compre!”, leva a exposição da criança e do adolescente a conhecimentos, acontecimentos e informações que há alguns tempos atrás eram direcionadas apenas a adultos, Assim, fazendo-as perderem a inocência, prejudicando sua condição de infância e adolescência e deixando-as prisioneiras do consumo. E, em uma sociedade que

³ As drogas perturbadoras são aquelas que, mais do que aumentar ou diminuir a atividade do sistema nervoso central, mudam a maneira de ele trabalhar. Ou seja, seu efeito é menos quantitativo e mais qualitativo. Ao mudar a maneira como nosso cérebro trabalha, elas causam delírios, ilusões ou alucinações. Maconha, LSD e diversas plantas alucinógenas são incluídos nessa categoria (ARAÚJO 2012).

preza este conceito, o do consumo excessivo, com as drogas, esta relação não poderia ser diferente.

Hedonismo: Este termo refere-se a algo que culturalmente foi introduzido no meio social com a finalidade de disseminar a ideia, por meio inclusive do consumo, que é preciso está sempre de bem com a vida, sempre alegre, que a tristeza é algo ruim e que não deve ter espaço entre os sujeitos. A sensação de alegria, conforto e prazer instantâneo que as drogas provocam projeta nos jovens a ideia de falsa liberdade deixando-os propícios a praticar o uso destas substâncias de modo descontrolado, levando-os ao vício. Estas ideias estão arraigadas na sociedade hodierna por meio da cultura construída e disseminada em torno da busca pelo prazer fácil.

Através da exemplificação de algumas destas diversas práticas culturais socialmente construídas e disseminadas no tempo e no espaço, podemos perceber que o uso dessas substâncias, assim como o combate ao uso, vai muito além do ontem e do hoje. Estas ideias foram construídas historicamente, de modo que permanecem arraigas em nosso meio social, político e econômico.

Muito se tem feito para combatê-las. Isso, principalmente quando se fala no uso dessas substâncias por jovens. São programas, projetos e coordenadorias que têm o apoio, tanto da esfera Federal, como da Estadual e da Municipal. Dentre estes, podemos citar alguns como: “Coordenação de Políticas de Prevenção Atenção e Reinserção Social de Usuários de Crack, Álcool e outras Drogas”; “Crack, é possível vencer”; “Cartão recomeço”; “Enfrentamento ao Crack e outras Drogas”; “Política Pública sobre Drogas”; “Prevenção de Uso e/ou Abuso de Drogas”; “Prevenção é ação”; além de diversas outras políticas públicas e coordenadorias criados para esse fim.

Muitos de nós pensamos que o trabalho no combate destas práticas se restringe apenas à área da saúde, ao judiciário e à assistência social. Engano. A educação, no âmbito escolar e familiar, tem fundamental papel a desempenhar. Não é apenas por meio da

liberação de recursos que o combate ao uso de substâncias ditas lícitas e ilícitas deve ser desenvolvido. Vai muito além do financeiro. É preciso que a sociedade, por meio de ações culturais e educativas, junte forças no sentido desenvolver estratégias de resgate e prevenção ao uso de drogas por parte de crianças e adolescentes.

O que se percebe é que muito destes programas tem seu foco de atuação na recuperação dos dependentes, estando as ações preventivas em segundo plano. De que adianta o exacerbado gasto de verbas públicas na recuperação dos dependentes sem antes ter um eficiente programa de prevenção destas práticas? É o mesmo que deixar afogar-se para depois aprender a nadar.

Percurso Biográfico de um Dependente de Crack

Na perspectiva do método biográfico os autores buscam compreender a vida de um indivíduo tendo cuidado para não percebê-la apenas de forma linear, mas propõe descobertas acerca de sua complexa história. Na realização deste tipo de estudo, o pesquisador, coloca em evidência o modo como cada pessoa pode mobilizar seus conhecimentos, os seus valores, os seus sentimentos, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos.

Quando surgiu a oportunidade de pesquisar sobre esse tema na especialização e posteriormente no Mestrado em História e Memória da Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Devido os riscos de assalto, roubos e vários tipos de violência que esse tipo de pesquisa proporciona, fiz a opção pelo dependente de crack Bim Guerra, pois é uma pessoa que já tivemos forte proximidade, de fácil acesso tanto com ele, quanto com sua família e principalmente por pesquisador e sujeito sentir-se seguros em falar no assunto.

Ao pedir que ele descrevesse qual a diferença do crack para as outras drogas, empolgado relatou que, a sensação do crack é totalmente diferente das outras drogas, com a maconha eu ficava

tranquilo, comia, dormia, trabalhava, com o crack você não faz nada disso, você desenvolve logo uma paranoia “nóia”. Vive assustado, parece que está sempre procurando algo ao seu redor, como se estivesse perdido alguma coisa. Quando precisa roubar pra usar, você fica todo tempo com a sensação de estar sendo perseguido. É totalmente diferente das outras drogas.

Bim Guerra, ao falar de sua experiência quando usou o crack pela primeira vez, ressalta várias vezes sobre as sensações que o crack proporcionou. “Sensação boa”, “sensação de bem estar”, “sensação de estar disposto”, “sensação de mais”. Fiore (2008) discute em alguns de seus trabalhos, duas controvérsias de suma importância ao entendimento do consumo das “drogas”: As noções de prazer e risco, enquanto sentidos ilusórios e artificiais para seus consumidores:

Embora a ideia de degradação e sofrimento seja mais comumente associada às “drogas”, a relação entre seu consumo e sensações prazerosas é praticamente consensual no campo dos saberes médicos. (Ou seja, não há debate ou controvérsia quanto a um efeito entendido pelos consumidores de “drogas” como prazeroso p.144).

Maurício Fiore usa o relato do psiquiatra Ronaldo Laranjeira, para descrever o risco que esse tipo de prazer artificial e ilusório pode ocasionar na vida de um usuário de droga *“O cérebro de quem usa cocaína, às vezes fica sem capacidade de sentir prazer. É como se fosse uma vingança divina e do próprio cérebro aos que buscam um prazer artificial, fica quase incapacitado de experimentar as outras fontes de prazer”*. Enfim, Fiore busca discutir a analogia entre artificialidade e prazer proporcionado pelas drogas, usando como referência os saberes médicos e a ariscada procura dos seres humanos por sensações que denominam como prazer.

Enquanto caminhar num percurso de cunho antropológico, temos Clifford Geertz (1989), onde diz que em antropologia social, o que realmente se faz é etnografia e mais especificamente prática

etnográfica, podendo inclusive compreender que isso é o que realmente representa a análise antropológica como forma de conhecimento, não sendo apenas uma questão de método. Afirma que não são apenas as técnicas e nem os procedimentos metodológicos como diário de campo, transcrever textos, selecionar informantes e várias outras que definem o trabalho do etnógrafo, mas o esforço intelectual que é representado pelo o que ele chama de uma “descrição densa”.

O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar (p.7).

O autor afirma que realizar a etnografia é o esforço de ler, enquanto construção de uma leitura de manuscritos, incoerências, comentários tendenciosos, escritos de exemplos transitórios de comportamentos modelados.

Resultados e Discussão

Sendo assim, percebemos nesse trabalho, que estas práticas estão diretamente ligadas ao convívio familiar e escolar, desse modo, na sociedade hodierna, temos a escola e a família, com o apoio do Estado, como os principais agentes no combate ao uso de drogas, visto que é no âmbito destas duas instâncias que se encontra o maior contingente de jovens (crianças e adolescentes). Segundo Tiba (2003, p. 208) “A escola tem por obrigação capacitar-se para enfrentar o maior mal evitável do século, as drogas. Queira ou não, seus alunos vão entrar em contato com as drogas”.

Trazendo esta discussão para uma esfera menor, a estadual, no Ceará está sendo e foram executados alguns programas que tem

como base o assunto aqui discutido. Podemos citar alguns, a saber: “Projeto Viva +”, desenvolvido por meio da Secretaria de Esportes do Estado do Ceará que tem por finalidade a execução de atividades culturais, esportivas e de lazer a fim de atingir o público jovem e adulto em vulnerabilidade social e pessoal; o “Projeto Prevenção é Ação”, este, de iniciativa privada em conjunto com o poder público, visa à prevenção primária do uso indevido de drogas nas escolas públicas de alguns municípios do estado; o “Programa Mais Educação”, desenvolvido pelo Governo Federal, no entanto, acatado pela maioria dos municípios brasileiros. Esse programa é estritamente ligado ao aumento da oferta educativa por parte das escolas públicas tendo como base a oferta de atividades extra-sala relacionadas ao meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, cultura e artes, cultura digital, prevenção e promoção da saúde, entre outros.

Estas são algumas iniciativas que tem como base a prevenção do uso das drogas. Em contrapartida, outras tantas são desenvolvidas visando a recuperação dos indivíduos viciados, tais como: projeto/ação “Manutenção das unidades da Proteção Social Especial Medidas Socioeducativas Jovens usuários de substâncias psicoativas”; Os “Centros Regionais de Referência”, que atende usuários de crack e outras drogas; “Crack, é Possível Vencer” que possibilita a criação de “ações para aumentar a oferta de tratamento de saúde e atenção aos usuários de drogas.

Em conclusão e em linhas gerais, mediante as reflexões acima, percebe-se que estas vêm reafirmar aquilo que já foi explicitado. Todo e qualquer recurso não basta, principalmente, quando o foco destes está apenas na recuperação ou apenas na prevenção. A efetivação dar-se-ia no “casamento” desses dois tipos de políticas, prevenção e recuperação. Visto que não há funcionalidade de uma se não estiver aliada outra. A recuperação deve estar para a prevenção assim como a prevenção deve estar para a eliminação.

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, T. *Almanaque das drogas*. São Paulo: Editora Leya, 2012.
- BRASIL. *Mais Educação*: Apresentação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=586id=12372option=com_contentview=article> Acesso em julho de 2013.
- BRASIL. *Crack, é possível vencer*. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/crackepossivelvencer/prevencao/capacitacao>> Acesso em julho de 2013.
- CEARÁ. *Combate às drogas e as suas consequências*. Disponível em: <<http://www.tce.ce.gov.br/downloads/Drogas.pdf>> Acesso em julho de 2013.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DA MATTA, Roberto. *Relativizando*. Uma Introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- IORE, Maurício. *Prazer e risco*: uma discussão a respeito dos saberes médicos sobre uso de “drogas”. In.: LABATE, Beatriz Cauiby et AL (Orgs). *Drogas e cultura*: novas perspectivas. Salvador. Edulfba. 2008. P. 141-152.
- GEERTZ, C, J. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1973; 1989.
- GUSSI, A.F. *Abordagem biográfica e suas implicações epistemológicas entre Antropologia e a Educação*. Cadernos de Estudo Sociais. Fundação Joaquim Nabuco, v.24 n.2 julho-dezembro.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Editora, UNICAMP, 1990.
- MAGALHÃES, Isa. *Vivendo com alegria*: Drogas não é a solução – caderno do professor nível 1. Fortaleza: Littere Editora, 2011.
- STUART, Hall. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tomaz Ta-deu Silva e Guaracira Lopes Louro (tradução). 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- SANCHEZ, Z. van der M. NAPPO, S. A. *Sequência de drogas consumidas por usuários de crack e fatores interferentes*. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 36, n. 4, ago. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em abril de 2011.
- TIBA, Içami. *Anjos Caídos*. 14ª ed. São Paulo: Editora Gente, 2003.